

# O processo de formação de proposições e a possibilidade da dúvida no *Sobre a Certeza* de Wittgenstein<sup>1</sup>

## RESUMO

No *Sobre a Certeza*, Wittgenstein discute questões epistemológicas centrais, como a natureza do conhecimento, o ceticismo e a dinâmica da formação de proposições que podem valer ora como regra e ora como empírica. O autor sugere que o conhecimento difere da certeza; esta última serve de base para o conhecimento e, certezas são expressas na forma de proposições fulcrais, i.e., proposições que servem de fundamento para a formulação de proposições empíricas. Proposições fulcrais estão isentas da dúvida porque já foram validadas. Para que seja possível duvidar destas proposições, é necessário a existência de um contexto que permita seu questionamento, do contrário não há a possibilidade de levantar dúvidas. Contudo, proposições fulcrais não são absolutas, pois podem vir a ser empíricas e como tal, sofrer novos questionamentos, dentro de contextos específicos. Este artigo visa entender o processo de estruturação e distinção de proposições fulcrais e empíricas, e como elas são aceitas pela comunidade linguística.

**Palavras-Chave:** Fundacionalismo; Dúvida; Conhecimento; Certeza.

## ABSTRACT

In the book *On Certainty*, Wittgenstein discusses central epistemological questions, such as the nature and the scope of knowledge, the distinction between knowledge and certainty, the problem of skepticism, and the dynamic of proposition formation. The author distinguishes between propositions that either count as a rule or as empirical. It is suggested that knowledge is different from certainty; the latter serve as ground for knowledge and certainties are expressed by means of hinge propositions. This type of proposition works as foundation for the formulation of empirical propositions. Hinge propositions are exempt from doubt since they are supposed to be assented on certainties. In order to doubt on such propositions, one needs to indicate in what conditions and contexts a doubt can be raised, otherwise the doubt is not allowed. However, hinge propositions are not absolutely doubtless because they can turn into empirical and accordingly, undergo new questionings. This paper aims to understand the formation and the distinction between empirical and hinge propositions and how they become accepted by the linguistic community.

**Keywords:** Foundationalism; Doubt; Knowledge; Certainty.

\* Prof. Associado, Laboratório de Cognição e Linguagem, Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), cdesousa@uenf.br.

<sup>1</sup> Todas as citações neste artigo foram traduzidas pelo autor a partir das edições originais em alemão e inglês. Gostaria de agradecer ao professor Júlio Esteves da UENF pela revisão nas traduções. Se houver falhas nas traduções, a responsabilidade é exclusivamente do autor.

## I

No livro *Sobre a Certeza*<sup>2</sup> (*Über Gewissheit*, ÜG) Wittgenstein discute a dinâmica de formação de proposições empregadas amplamente pela comunidade, distinguindo entre proposições que cristalizam-se e passam a valer como certezas (regras), e proposições que ainda estão em processo de sedimentação e validação. Às últimas o autor confere a expressão 'proposições empíricas' (*Erfahrungssätze*).

Já as proposições que servem de fundamentos para as ações e o conhecimento em geral, e que funcionam como suporte para outras proposições possuindo caráter de regra, Wittgenstein utiliza quatro termos: 'proposições metodológicas'<sup>3</sup> (*methodologischer Satz* ÜG § 318), 'proposições da lógica' (*logischer Satz* ÜG §§ 319, 401), 'proposições gramaticais'<sup>4</sup> (*grammatischer Satz* ÜG §58), e 'proposições fulcrais' (*Angeln* ÜG §§ 341, 343, 655).<sup>5</sup>

Na literatura sobre o livro, é comum encontrar o termo 'proposições fundacionais', pois elas desempenham o papel de suporte para o agir. Contudo, o termo 'proposições fulcrais' ou 'dobradiças' é mais usado porque chama nossa atenção para o fato de que fulcros ou dobradiças servirem de suporte para a junção entre porta e parede, e como tal oferecerem sustentáculo (devido à rigidez) para o movimento; a porta se abre e fecha, porém o fulcro permanece fixo.

Segundo o autor, proposições fulcrais jazem na base dos jogos de linguagem e possuem a característica de valer como fundamento para proposições empíricas que giram ao redor dos 'fulcros' (Cf. ÜG §§ 95-99 BF I § 32). Este texto visa examinar esta distinção e entender o processo de formação destas proposições no contexto da discussão sobre conhecimento, certeza, relativismo e ceticismo.

---

<sup>2</sup> Último livro escrito por Wittgenstein e considerado sua obra-prima. Este texto não-revisado é uma discussão consigo mesmo, afirma Norman Malcolm (1986:201), e Wittgenstein não tinha a intenção de publicá-lo. Mas os temas discutidos no *Sobre a Certeza* não se encontram em outros textos do autor, e como tal, merecem atenção especial. Wittgenstein discute sobre questões epistemológicas centrais como a natureza e escopo do conhecimento, o problema do relativismo e ceticismo, da objetividade e o naturalismo. O ÜG é um texto opaco de difícil entendimento, o que é um convite a sua leitura para tentar entender esta obra brilhante de um dos mais influentes filósofos. Avrum Stroll (2005:33) afirma que o ÜG é a contribuição mais importante à epistemologia depois da *Crítica da Razão Pura* de Immanuel Kant.

<sup>3</sup> Às vezes servem como método.

<sup>4</sup> Funcionam como regras gramaticais.

<sup>5</sup> Wittgenstein usa as quatro formas em várias passagens, mas no fundo significam a mesma coisa: algo

A leitura natural, a partir de evidências textuais, sugere que proposições fundacionais são certezas inter-subjetivas que guiam nossas práticas cotidianas de uso da linguagem e que, por si mesmas, não são justificáveis nem verificáveis (cf. ÜG §210.), uma vez que já foram validadas e entraram para o “sistema de referência” (*Bezugssystem* cf. ÜG §§ 83, 105, 134, 136, 137, 141, 142, 144, 279, 410, 411). O modo como estas proposições tornaram-se fixas e passaram a valer como regra é uma discussão constante no texto.

Segundo o autor, proposições fundacionais formam o núcleo duro do sistema de proposições (cf. ÜG §94), e proposições empíricas organizam-se ao seu redor, girando em torno do fulcro, tal como dobradiças nas portas. Contudo, há uma dinâmica neste sistema, pois as proposições fulcrais não são estabelecidas por meio de bases racionais e nem são eternas e absolutas, pelo contrário, durante as práticas linguísticas, estas proposições podem vir a ser empíricas e “entrar em circuito”, basta apenas a existência de um contexto que permita o levantamento de certas dúvidas.

Wittgenstein visa entender a natureza do conhecimento e da certeza por meio do estabelecimento da distinção entre proposições fundacionais cristalizadas e proposições empíricas em circuito. Proposições fundacionais são como fulcros no qual giram nossas práticas (cf. ÜG §§ 96, 152). Nesta imagem, o autor executa uma distinção entre o que é conhecimento estabelecido, baseado em certezas indubitáveis, e o que ainda é passível de dúvidas devido ao caráter variável (empírico).

Por exemplo, o conhecimento científico descrito pela mecânica clássica newtoniana seria o tipo de conhecimento que não permite mais dúvidas (fulcral), e o conhecimento sobre teorias mais recentes na física como teoria das cordas ainda é motivo de discussão e dúvida entre a comunidade científica. Dúvidas sobre as leis newtonianas só existem no contexto da física, já em outros contextos, estão isentas de dúvidas.

O argumento de Wittgenstein é que a dúvida precisa de um contexto específico para surgir, e normalmente não duvidamos de certas proposições que nos parecem assentes. Além disso, o conjunto de proposições apoia-se reciprocamente dando origem a uma ampla rede de proposições inter-relacionadas por meio de ‘semelhanças de família’ (*Familienähnlichkeiten*, cf. PU §§ 65-77, 108, 207).

Este conjunto de proposições tem a configuração de uma rede entrelaçada, semelhante à rede de crenças descrita por Quine em que a refutação de uma proposição implica, *a fortiori*, na refutação daquelas mais próximas e, em alguns casos, na refutação do sistema global.<sup>6</sup> Este holismo diz que o sistema de crenças apoia-se mutuamente, e uma dúvida irracional pode ameaçar o sistema como um todo, e portanto, só poderia ser levantada em contextos específicos, geralmente na filosofia e na ciência.

Proposições fundacionais do tipo “a Terra é redonda”, “eis aqui uma mão”, “a gravidade existe”, “ $2+2=4$ ”, etc., não admitem mais nenhum tipo de dúvida, e possuem um caráter fixo e manifesto, por exemplo, em contextos normais, ninguém duvidaria da existência da gravidade. Não seria através de demonstração empírica que se provaria esta proposição, mas sim porque *esta* proposição serve de base, i.e., é uma certeza que sustenta outras; se alguém duvidasse, talvez o próximo passo seria a demonstração empírica, arremessando-se um objeto do alto de um prédio. O desfecho é previsível: o objeto seria atraído para o centro da Terra, pois a lei da gravidade diz que todos os corpos com massas maiores atraem corpos com massas menores, e em nossa localização espacial, a Terra é o maior corpo, e por conseguinte, todo objeto será atraído para seu centro gravitacional. Esta proposição é uma certeza objetiva (cf. ÜG § 411).

Portanto, duvidar da existência da gravidade seria duvidar da possibilidade de o objeto não cair, e, conseqüentemente, equivaleria a duvidar da existência da Terra, uma dúvida sem sentido. Proposições como estas são como certezas inter-subjetivas, pois são reconhecidas por todos os membros da comunidade como verdadeiras e, por esta razão, funcionam como *fundamento* de nossas práticas linguísticas.

Em outras palavras, nós agimos a partir delas; a proposição de que a Terra existe e exerce força gravitacional sobre outros corpos é uma proposição assentada e comprovada que desempenha o papel de base para a formação de outras proposições. Ter dúvidas sobre a confiabilidade desta proposição pode significar duas coisas: ou o agente não apreendeu bem a regra e precisa de novo treino, ou possui alguma demência.

---

<sup>6</sup> Um problema da filosofia da ciência conhecido como subdeterminação das teorias científicas.

Wittgenstein ressalta que *errar* e *duvidar* são eventos típicos de nossas práticas sociais, mas um erro ou uma dúvida não podem persistir por muito tempo; em algum momento há a compreensão e o agir automático. Proposições fundacionais são certezas objetivas e desempenham o papel de fundamento para os nossos jogos de linguagem e como meio de correção. A aplicação do jogo de linguagem da dúvida e do erro é regulada por proposições fulcrais.

Ao cometer um erro, é possível mostrar ao agente como uma proposição é usada de forma correta, apontando-se para uma proposição fundacional. Vale lembrar que para Wittgenstein, participar de uma forma de vida significa adotá-las, compartilhá-las, e reproduzi-las inexoravelmente. Estas proposições que expressam certezas intersubjetivas fundam nosso agir e resultam do desenrolar natural de nossos jogos de linguagem e, por sua vez, da forma de vida.

Wittgenstein elucida a dinâmica do processo de formação e sedimentação do conhecimento através da distinção entre empírico e lógico revelando o processo de formação de regras. Proposições empíricas são aquelas que ainda estão em "circuito", ou seja, ainda não foram validadas e dependem não somente de comprovação empírica, mas também de ampla aceitação pela comunidade.

Já as proposições fundacionais são como leitos por onde as empíricas percolam (cf. ÜG § 99); servindo de eixo para as proposições empíricas e,

este eixo não fica fixo no sentido de alguma coisa segurá-lo, mas o movimento em torno dele determina sua imobilidade [...] aquilo que fica fixo não o faz porque é evidente ou convincente; mas sim aquilo que o rodeia é que lhe segura. (ÜG §§ 152,144).

A idéia de Wittgenstein é que nossas crenças giram em torno de certezas que valem como base para nossos juízos mais comuns. Certezas não são um tipo de conhecimento, certezas são aceitas irrefletidamente,

---

<sup>7</sup> Algumas vezes Wittgenstein usa a palavra *Nest*, que em alemão significa 'ninho'. A metáfora cabe perfeitamente em seu holismo semântico sobre o entrelaçamento de proposições. Um ninho consiste de vários galhos entrelaçados uns com os outros, sem que haja "costura" ou "cola". É a própria *forma* e *disposição* dos pequenos galhos que seguram o todo. No caso das proposições, o conjunto de proposições forma nossa linguagem (ou a totalidade dos jogos de linguagem, diria Wittgenstein). Não há uma "ligadura" entre proposições, elas estão intimamente relacionadas e por isso formam esta complexa rede entrelaçada.

e são a base do conhecimento. Algumas certezas expressas na forma de proposições são como *fulcros* no qual giram outras, formando uma complexa estrutura entrelaçada na qual cada proposição sustenta a outra.<sup>7</sup> No núcleo do sistema residem as proposições fundacionais enrijecidas.

Há vários exemplos de certezas expressas em forma de proposições fundacionais no texto: o mundo não existe há 5 minutos, eu tenho um corpo, existem outras pessoas além de mim, homens não desaparecem no ar,  $2+2=4$ , etc. Estas proposições são o ponto de partida para o uso de outras e estão implícitas nos jogos de linguagem. O conhecimento surge a partir delas.

## II

Entre os parágrafos 96-99, o autor descreve a tensão entre o que é firme e o que se altera, afirmando que a fronteira entre o que é *lógico* e *empírico* é movediço. Dependendo das circunstâncias, as proposições irão assumir estatuto de lógicas (fundacionais ou gramaticais) ou empíricas (variáveis).

Ser lógico ou empírico irá depender do uso e do contexto em que a proposição é empregada, posto que não há uma fronteira nítida entre elas (cf. ÜG § 319). Wittgenstein adota uma metáfora limnológica para ilustrar este ponto:

As proposições que descrevem esta imagem de mundo poderiam pertencer a uma espécie de mitologia. E o seu papel é semelhante ao das regras do jogo. E o jogo pode ser aprendido puramente pela prática, sem aprender quaisquer regras pronunciadas. (ÜG § 95).

Poder-se-ia imaginar que certas proposições da forma de proposições empíricas seriam rígidas (*erstarrt*) e funcionariam como canal (*Leitung*) para as proposições empíricas, fluídas; e que esta relação (*Verhältnis*) alterar-se-ia com o tempo, de modo que as proposições fluídas torna-se-iam rígidas e proposições rígidas fluídas. (ÜG § 96).

A mitologia pode reverter-se (*geraten*) novamente em fluxo, e o leito do rio do pensamento se deslocar (*sich verschieben*). Mas eu distingo entre o movimento da água no leito do rio do deslocamento do leito, embora não exista uma separação precisa entre ambos. (ÜG § 97).

Sim, a margem daquele rio consiste em parte de rocha cristalina, que não está sujeita à nenhuma modificação ou à modificação imperceptível, e em parte consiste de areia que ora se deposita no fundo e ora é arrastada (*angeschwemmt*). (ÜG § 99).

Proposições são freqüentemente usadas na fronteira entre a lógica e a empiria, de tal modo, que o seu sentido varia de um lado para o outro da fronteira e ora valem como expressão de uma norma, ora como expressão de uma experiência. (Pois isto não é certamente um epifenômeno (*Begleiterscheinung*) psíquico – assim concebem-se os “pensamentos” – mas sim o emprego (*Verwendung*), que distingue a proposição lógica da empírica. (BF I § 32).

Está claro que nem todas as nossas proposições empíricas têm o mesmo status, visto que pode-se estabelecer (*festlegen*) uma proposição e convertê-la de proposição empírica em uma norma de descrição. Pense nas investigações químicas. Lavoisier conduz experimentos com substâncias (*Stoffen*) em seu laboratório e deduz agora que a partir da combustão, tal e tal coisa ocorre. Ele não diz que algo diferente poderia ter acontecido. Ele apreende uma imagem de mundo determinada, sim, naturalmente ele não a inventou, mas sim a aprendeu quando era criança. Eu digo, imagem de mundo, e não hipótese, porque trata-se do fundamento assente de sua pesquisa e como tal, também não foi pronunciada. (ÜG § 167).

Digo mesmo: qualquer proposição empírica pode transformar-se (*umgewandelt*) num postulado – e então tornar-se uma norma de representação. (ÜG § 321).

As citações acima esclarecem a concepção de Wittgenstein sobre a dinâmica do processo de estruturação das proposições, que culminam com o estabelecimento de certezas que regulam a ação. O processo de formação de proposições é descrito pelo autor como um tipo de “mitologia” ou “imagem de mundo”, i.e., algo em que as pessoas acreditam sem duvidar. Estas certezas são como uma mitologia porque não resultam de conclusões racionais e nem comprovações empíricas, elas simplesmente se cristalizaram por terem sido aceitas pela comunidade irrefletidamente.

Além disso, a mitologia não é estática, porque as proposições mudam, contudo, a mudança não implica na ausência de algo firme, pelo contrário, algumas proposições são mais firmes do que outras, mas

como o autor considera, o que é firme muda com o tempo. Wittgenstein não admite uma forma de absolutismo das regras que são apenas condições necessárias para a existência dos jogos de linguagem. As regras mudam, mas existem e são aplicadas a todo instante.

Devido a estas afirmações, Wittgenstein é acusado de relativista, uma posição não declarada em seus textos. Wittgenstein afirma em várias passagens que os fundamentos podem mudar com o tempo, pois

aquilo que os homens consideram racional ou irracional altera-se em certos períodos, os homens consideram racional, aquilo que em outros períodos, julgava irracional. E vice-versa, uma vez que o jogo de linguagem muda com o tempo. (cf. *ÜG* §§ 65, 256, 336).

As transformações ocorrem espontaneamente nas formas de vida e alteram toda a imagem de mundo, sendo, portanto, determinantes no modo de agir dos agentes. Porém, não corroboram com as interpretações relativistas sobre o autor, pois em algum lugar há uma rocha cristalina, i.e., uma proposição fundacional que serve de parâmetro para ação: o próprio modo de agir humano. Wittgenstein apenas *mostra* através de descrições pontuais como funciona este processo de estabelecimento daquilo que serve como regra e o que não, e este processo se altera periodicamente.

Wittgenstein afirma que a racionalidade das proposições não deriva de um processo deliberativo ou que os fundamentos são irracionais porque são relativos, mas sim que são irrefletidos. Isto parece indicar um processo natural de internalização das regras através do ensino de como aplicá-las (cf. *ÜG* § 449).

O fundacionalismo wittgensteiniano é sem fundamentação racional (cf. *ÜG* §§ 166, 253), e consiste do acúmulo gradual de proposições que formam um amplo sistema de referências, e as proposições valem ora como regra, e ora como algo maleável. O uso e o contexto irão determinar o caráter da proposição.

Além disso, Wittgenstein preza pela coerência entre as proposições que não devem ser contraditórias. Se alguém afirma que a Terra existe há 5 minutos não está sendo coerente com o quadro de conhecimento aceito pela comunidade de que a Terra deve ter 4,45 bilhões de anos. Há várias proposições e evidências que confirmam isto.

Por esta razão, o fundacionalismo wittgensteiniano tem um caráter coerentista e naturalista, pois funda o conhecimento em certezas irrefletidas (naturais), que por sua vez servem de suporte para a formulação de proposições empíricas que devem obedecer ao princípio da coerência sistêmica. Este processo é natural e espontâneo, sem racionalização elaborada. Como diz o autor, “é assim e pronto!”.

As proposições que usamos resultam de usos espontâneos feitos no passado, i.e., das práticas linguísticas que aos poucos foram se cristalizando e, ao mesmo tempo, moldando nosso agir. Durante este decurso, algumas proposições viraram proposições fundacionais e outras empíricas, mas o processo não é estático, e sim bidirecional, o que é lógico pode vir a ser empírico e vice-versa, basta apenas que o contexto de dúvida passe a existir para permitir certos questionamentos.

A forma de vida se transforma através do tempo durante as práticas sociais, e são os agentes que, de algum modo não-intencional, decidem como empregar a linguagem, mas esta tese não implica em relativismo. Evidência textual vem logo abaixo:

Que tenhamos aprendido a técnica, faz com que a alteremos agora de tal e tal modo, diante da visão desta imagem. “Nós nos decidimos por um novo jogo de linguagem”. “Nós nos decidimos espontaneamente” (eu poderia dizer) “por novos jogos de linguagem.” (BGM IV § 23).

[...] é um fato da experiência que os homens mudam seus conceitos, os trocam por outros quando aprendem novos fatos; quando em virtude disto, algo que lhes era anteriormente importante se torna insignificante, e vice-versa. (Z § 352).

As palavras a que chamamos expressões de juízo estético desempenham um papel muito complicado, mas muito definido, naquilo a que chamamos a cultura de um período. Para descrever o seu uso ou para descrever aquilo que queremos dizer quando falamos num gosto culto, temos de descrever uma cultura. Aquilo a que agora chamamos um gosto culto talvez não existisse na Idade Média. Em diferentes idades jogam-se jogos inteiramente diferentes. Aquilo que pertence a um jogo de linguagem é toda uma cultura. (LC pp.25-26 e posteriores).

Estas passagens podem sugerir um relativismo linguístico, mas esta interpretação é um erro. Wittgenstein apenas diagnostica o modo

como agentes usam a linguagem e que frequentemente, os usos mudam e, imediatamente mudam os significados dos termos linguísticos.

Contudo, não se trata de mudança aleatória, pois há um suporte que permite a ocorrência destas transformações, a saber as certezas (fulcros) que são expressas por meio de proposições fundacionais. O autor apenas descreve o modo como usamos a linguagem, e quer chamar nossa atenção para o fato de que na prática é assim que ocorre.

Segundo Wittgenstein, há uma evolução natural ('natural' entendido aqui como 'espontâneo') dos jogos de linguagem, no decorrer das práticas sociais. O que vale como regra agora, pode ser posto em dúvida amanhã caso haja algum contexto onde é permitido o levantamento de dúvidas<sup>1</sup> ("o que os homens consideram racional ou irracional se altera" cf. ÜG § 336), visto que entre proposições fundacionais e empíricas há uma dinâmica constante.

Este processo é contínuo, pois nosso conhecimento muda conforme mudam as regras, i.e., as proposições que usamos. Mas, quero enfatizar, isto não implica em relativismo, pois sempre há uma regra (algo fixo) servindo como parâmetro e regulador das ações.

Não obstante estas transformações no quadro de proposições, Wittgenstein também afirma que há um núcleo duro de proposições que permanecem sólidas e não admitem mais dúvidas. Proposições deste tipo servem de regra para outras, e têm algo de *necessário*.<sup>2</sup> O conjunto de proposições que forma a mecânica clássica pode ser considerado como um exemplo de proposições sólidas livre de questionamento.

### III

Como visto antes, as proposições se alteram periodicamente em virtude do modo como empregamos a linguagem que não é um monólito, mas uma atividade compartilhada entre membros de uma forma de

<sup>1</sup> Este diagnóstico de Wittgenstein pode ser confirmado ao olharmos para a história das ciências. Há vários exemplos de ideias expressas em proposições que um dia eram tidas como válidas e hoje são consideradas falsas: na física o modelo astronômico aristotélico-ptolomaico das esferas celestes, a tese geocêntrica, e em seguida heliocêntrica, a teoria do éter eletromagnético, na química a teoria do flogisto, do calórico, na biologia a teoria do fixismo, vitalismo, geração espontânea. Estes são apenas alguns exemplos de visões de mundo que um dia fundaram o agir e que foram substituídas por outras. Mais exemplos podem ser encontrados na coleção *Breve História da Ciência Moderna* em quatro volumes, de Marco Braga, Andréia Guerra e José C. Reis, ed. Zahar, Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> "Refleta: "O único correlato na linguagem para uma necessidade natural é uma regra arbitrária. Ela é a única coisa que podemos extrair (*abziehen*) desta necessidade natural para uma proposição"" (PU § 372).

vida (cf. PU §§ 19, 23, 241, ÜG § 358). A transformação das proposições acarreta em mudanças na imagem de mundo de uma cultura (aquilo que seus membros acreditam).

Em nossa cultura, por exemplo, não é comum duvidar das leis da mecânica clássica, até porque fazemos coisas com esta teoria (construímos pontes, edifícios, fazemos aviões voar, etc., cf. ÜG § 146), porém em outros contextos, esta dúvida pode ser levantada, por exemplo, a atividade científica de investigar as origens do universo requer o emprego da teoria da relatividade geral, ou a atividade de investigar os compostos últimos da realidade requer o uso de mecânica quântica.

Nestes contextos, a mecânica newtoniana não funciona, e é razoável perguntar sobre a confiança das leis. Contudo isto não implica no abandono da mecânica clássica, pelo contrário, ela permanece como teoria científica, no entanto só funciona em determinados contextos, e não em todos como se imaginava antes do advento da relatividade geral e mecânica quântica.

Neste caso houve uma readequação de contextos, inclusive com a reformulação de algumas leis, mas a mecânica newtoniana permanece fixa. Por outro lado, alguém poderia perguntar sobre *quais* certezas a mecânica clássica está assentada, e uma resposta poderia ser, naquelas em que o seu autor, Isaac Newton acreditava. A tarefa para os historiadores da ciência é apontar as certezas de Newton.

De qualquer maneira, Wittgenstein não cita Newton, mas usa uma imagem que pressupõe as proposições formuladas pelo físico britânico, pois a proposição sobre a existência da Terra, é antes de tudo, a mais fundamental de todas e a base da imagem total que forma o ponto de partida das minhas crenças; “algumas coisas nos parecem firmes e saíram de circulação. Por assim dizer, foram desviadas para uma via inoperante.” (ÜG §§ 209, 210).

Em outras palavras, não há mais abertura para dúvidas do tipo se a Terra é redonda ou se existe há 100 anos ou se  $2+2=4$ . Se alguém não acredita que a Terra exista há mais de 100 anos, então ou não compreendeu bem a regra ou possui algum tipo de demência (cf. ÜG § 155).<sup>3</sup> Convicções como estas apoiam-se numa imagem de mundo que

<sup>3</sup> “É assim; ou então eu sou um demente” (*geistesgestört*), *Nachlaß* item 233b p.9 e também itens 124 p.67, 136 p.61b, 174 p.34r

foi construída coletivamente durante anos e compartilhada pela forma de vida. Questioná-las seria questionar a própria forma de vida, e não faria sentido. A dúvida tem um limite. Ouçamos Wittgenstein mais uma vez:

Quem não tiver certeza de fato algum, também não pode ter certeza do sentido das suas palavras. (ÜG § 114).

Quem quisesse duvidar de tudo, também não poderia chegar a dúvida. O próprio jogo da dúvida pressupõe a certeza. (ÜG § 115).

Parecer-me-ia ridículo pretender duvidar da existência de Napoleão; mas se alguém duvidasse da existência da Terra há 150 anos, talvez eu estivesse mais disposto a prestar-lhe atenção, porque então estaria duvidando de todo o nosso sistema de evidências. (ÜG § 185).

Parece-me que alguém que duvide da existência da Terra naquele tempo teria de impugnar a natureza de toda a evidência histórica. (ÜG § 188).

Em algum ponto temos de passar da explicação para a mera descrição. (ÜG § 189 cf. § 150).

Aquilo a que chamamos evidência histórica aponta para a existência da Terra muito antes do meu nascimento; a hipótese contrária não tem nada a seu favor. (ÜG § 190, cf. §§ 203, 237, 146, 147).

Porque não me convenço de que tenho dois pés quando quero levantar-me da cadeira? Não há nenhum por quê. Simplesmente não faço isso. É assim que ajo. (ÜG § 148, cf. §§ 150, 151).

Presentemente, não posso conceber uma dúvida racional acerca da existência da Terra nos últimos 100 anos. (ÜG § 261, cf. §§ 203, 288, 153).

Não pode haver qualquer dúvida para mim [sobre ter estado há pouco na estratosfera], como pessoa racional. – Isto é assim mesmo. (ÜG § 219, cf. § 218).

O homem racional não tem certas dúvidas. (ÜG § 220).

Estamos satisfeitos que a Terra seja redonda. (ÜG § 299, cf. § 411).

A existência da Terra é antes de tudo, parte da *imagem total* que forma o ponto de partida das minhas crenças. (ÜG § 209).

Ainda no parágrafo 156, Wittgenstein discute sobre o disparate da possibilidade da dúvida coletiva: “Para que o homem erre, ele já tem de julgar de acordo com a humanidade”. Dito de outra maneira, quando fazemos um juízo, já pressupomos todo o sistema de proposições assentes (lembremo-nos da coerência sistêmica e a subdeterminação das teorias), uma vez que grande parte das proposições já estão fora de dúvida, ou como o autor afirma, “arquivadas”, e como tal, são aceitas amplamente pela comunidade que não duvida em conjunto destas proposições.

Wittgenstein, ao contrário de um relativista ou cético, vai ao fundo de nossas práticas sociais e diz que “aquilo a que me agarro não é *uma* proposição, mas um ninho (*Nest*) de proposições” (ÜG § 225). Duvidar da verdade de uma proposição fulcral implica automaticamente em duvidar da verdade de outras proposições, pois o sistema de referência é formado pelo conjunto de proposições interligadas dando origem a redes ou ninhos. Quando alguém duvida de algo, é necessário que a dúvida esteja contextualizada, visto que o ato de duvidar está enquadrado no sistema e a dúvida volta-se também para dentro do sistema.

Como dito na nota número 7, a metáfora do ninho está em conformidade com o sistema de referência, já que a forma do ninho decorre do modo como os materiais estão arrançados. Ou seja, o todo se sustenta, e no caso das proposições, as fulcrais suportam as empíricas e vice-versa.

O ponto em debate gira em torno da impossibilidade de se duvidar do sistema de proposições, visto que existe um acordo implícito que não se pode infirmar sem recorrer à mesma estruturação que funda todo conhecimento que temos. Portanto, toda dúvida parte sempre de dentro do sistema, e pressupõe certezas expressas na forma de proposições fulcrais, e por esta razão, Wittgenstein vai afirmar que a dúvida pressupõe a certeza.

Na verdade, Wittgenstein está refutando as objeções céticas, pois o cético precisa basear suas dúvidas em alguma certeza fora de dúvida. Contudo sua dúvida tem limites e somente é possível levantar dúvidas em contextos específicos que permitem sua ocorrência, do contrário não pode sequer ser considerada (cf. ÜG § 255).

Apesar disto, pode haver ainda combustível para a fogueira do cético, e para que possa duvidar, o cético tem de assentar suas dúvidas em algo assente, fora de dúvida. Por conseguinte, a dúvida pressupõe

uma certeza estabelecida que sirva de suporte, pois do contrário não seria uma dúvida.

Uma dúvida sobre se a Terra existe há 100 anos não faz sentido, pois a existência da Terra é o ponto de partida para nossas ações, é a proposição mais fundamental que há, a certeza principal que está fora de qualquer dúvida. Assim como dúvidas em cálculos diários também não fazem sentido. Muitas proposições já foram verificadas e validadas, e as aceitamos como *verdadeiras*. Estas são as proposições fundacionais.

O cético deve partir de alguma certeza já estruturada, senão não poderia haver sequer a possibilidade da dúvida. É necessário que haja uma ordem pressuposta com a qual nos comprometamos implicitamente e de que não se duvida: em condições normais, eu e os outros membros da comunidade, temos duas mãos, temos certeza de que a Terra existe e é redonda, assim como temos a capacidade de andar, comer, falar, jogar, etc.;

Há inúmeras proposições empíricas gerais valendo como certas para nós. (ÜG § 273).

Uma destas é que se o braço de alguém for cortado, ele não cresce novamente. Outra é que se a cabeça de alguém for cortada, esta pessoa morre e nunca voltará à vida. Pode-se dizer que a experiência nos ensinou estas proposições. Contudo, elas não são ensinadas isoladamente, mas são ensinadas junto com um conjunto de proposições inter-relacionadas (*zusammenhängender*). Se estivessem isoladas, eu poderia talvez duvidar delas, pois não tenho nenhuma experiência concernente a elas. (ÜG § 274)

O diagnóstico de Wittgenstein é direto: não pode haver dúvida racional sobre certas proposições, pois ao duvidar de proposições fulcrais, pode-se ameaçar o sistema de proposições. Quando uma criança aprende a linguagem, ela não aprende uma proposição isolada, mas um conjunto de proposições que se articula e se apoia mutuamente (cf. ÜG §§ 141, 144): “Se pretendesse duvidar da existência da Terra muito antes de meu nascimento, teria de duvidar de todas as espécies de coisas que são ponto assente para mim” (cf. ÜG §§ 138, 188, 190, 204, 209, 232, 234, 261, 288), e “o fato de não duvidarmos (de todos os fatos conjuntamente) é simplesmente nosso modo de julgar, e, portanto de atuar, é assim que nós agimos.” (cf. ÜG §§ 148, 204, 232, 411).

E se, no entanto, alguém ainda tivesse certas dúvidas sobre a existência de sua mão ou da Terra, então ou esta pessoa não entendeu nosso jogo de linguagem ou possui alguma demência, pois está duvidando de certezas como a existência de si ou a existência da Terra, o que é um contra-senso. Em algum lugar nossas dúvidas têm de parar, visto que há limite para os jogos de linguagem. Em outra metáfora Wittgenstein diz: “em algum lugar a pá entorta pois alcançou a rocha cristalina, devemos parar neste ponto.” (PU § 217, cf. ÜG § 248, cf. BGM III, § 74, IV, § 38).

O reconhecimento da proposição “minha mão existe” é fundamental para meu agir cotidiano: aperto a mão de um amigo, aceno, pego um objeto, etc. Se duvido da existência de minha mão, como Moore (1925) o faz em sua defesa do senso comum, então todos os meus atos cotidianos são impugnados, o que não é verdade.

Igualmente vale para existência da Terra, pois “A imagem da Terra é parte da imagem total que forma o ponto de partida das minhas crenças.” (ÜG § 206). Uma dúvida sobre a idade da Terra só pode ocorrer em um contexto específico: ou na filosofia ou na ciência (cf. ÜG § 259), do contrário, não pode sequer ser pensada, pois em condições normais, i.e., cotidianamente, não há espaço para esta dúvida (ÜG § 24, 255).

Wittgenstein explicita a ideia de limites para nosso conhecimento e a associa ao limite da forma de vida. Além disso, ele sustenta que em algum lugar as dúvidas cessam e o que permanece é uma proposição fundacional sobre nosso modo de agir. Em adição, defende que as justificativas também cessam, onde a “pá entorta”. O cético busca justificativas onde a única justificativa que há é dizer “É assim que agimos”:

Cheguei ao fundo das minhas crenças. E poderia quase que dizer que estes alicerces são suportados pelo conjunto da casa. (ÜG § 248).

[...] Ora, o fim não é um pressuposto não-fundamentado, mas um modo de agir não-fundamentado. (ÜG § 110).

Mas a fundamentação, a justificação da evidência chega a um fim; mas o fim não é que certas proposições se evidenciem a nós imediatamente como verdadeiras, ora não é uma espécie de ver de nossa parte; mas sim é o nosso agir (*Handeln*) que está na base do jogo de linguagem. (ÜG § 204).

Mas eu não tenho a minha imagem de mundo porque me convenci da sua verdade, nem a mantenho porque me convenci da sua verdade. Pelo contrário, é o pano de fundo (*Hintergrund*) herdado que me faz distinguir o verdadeiro do falso. (ÜG § 94, cf. § 83).

#### IV

Em resumo, para Wittgenstein toda interpretação e todo modo de agir se estabeleceram na base de convicções fundacionais *irrefletidas*, e isto quer dizer, sem nenhum tipo de racionalização, porque assim foi estabelecido, no decorrer das práticas dos jogos de linguagem.

Todo o sistema de proposição forma uma grande *estrutura* (o sistema de referências), e qualquer dúvida remete-se sempre para este sistema que funda nossa imagem de mundo, cujas proposições são ponto assente para quem tenciona verificar suas experiências (cf. ÜG §§ 105, 163, 225, 286).

Proposições que fundam imagens de mundo expressam certezas objetivas apreendidas pela experiência e servem como regra ou fulcro para a construção de outras proposições maleáveis denominadas de empíricas que podem ou não se tornar fulcrais. O que define o status da proposição é o uso que fazemos dela.

O fundacionalismo wittgensteiniano é dinâmico e sem fundamentos racionais, pois revela as transformações constantes no processo de formação de proposições, ora em fundacionais, ora em empíricas. O que deve ficar explícito, é o fato de que o fundacionalismo do autor é ausente de fundamentos racionais ou empíricos (cf. ÜG §§ 166, 253, 559).

Durante as práticas de uso da linguagem, há um processo natural de distinção entre proposições que funcionam ora como regra (ou fulcro) e ora como proposições que requerem suporte. Ao longo do tempo algumas proposições vão se sedimentando *naturalmente* até tornarem-se fixas.

Contudo esta rigidez não é absoluta, pois uma proposição fundacional pode sair do arquivo e se tornar empírica devido à alguma dúvida, para tanto, é necessário um contexto que permita o levantamento da dúvida sobre aquela proposição, em caso contrário, a dúvida não pode ser consistente.

Segundo o autor, o sentido surge com o resto de nossas ações (cf. ÜG § 229) e negar o que se tem por certo dentro do sistema pode ameaçar

o sistema inteiro, posto que há o princípio do holismo semântico da coerência sistêmica. Duvidar de proposições fundacionais pode arriscar o sistema inteiro de proposições.

Em outra parte do texto Wittgenstein afirma algo semelhante a isto: as minhas crenças formam de fato um sistema, uma estrutura, e este sistema é adquirido pelo conhecimento através da observação e da instrução; quando começamos a acreditar em qualquer coisa, aquilo em que acreditamos não é uma proposição isolada, mas é um sistema completo de proposições (cf. ÜG §§ 102, 126, 141, 279, 286, 41, 83).

Diante do que foi exposto, pode-se dizer que todo conhecimento que é transmitido e incorporado à forma de vida funda-se no sistema de verificação herdada (cf. ÜG §§ 170, 286, 288, 472, 473, 600). A fundamentação do conhecimento pressupõe um sistema de crenças expresso por meio de proposições fulcrais gerado através do hábito e costume e, como tal, não foram estabelecidos racionalmente.

Em outras palavras, não houve qualquer racionalização ou deliberação, mas apenas acúmulo natural de proposições que expressam certezas. É preciso que existam certezas solidificadas para haver conhecimento, uma vez que “quem não tiver certeza de fato nenhum, também não pode ter certeza do sentido das suas palavras.” (ÜG § 114).

O sentido de uma palavra depende primeiramente do contexto de uma proposição numa determinada situação, e do contexto do sistema inteiro de proposições que reflete as atividades humanas (cf. ÜG §§ 410, 411). A conclusão wittgensteiniana é inequívoca:

Toda verificação, validação (*Bekräftigen*) e invalidação (*Entkräften*) de uma suposição (*Annahme*) ocorre já no interior de um sistema. E este sistema não é um ponto de partida, mais ou menos arbitrário e duvidoso, de todos os nossos argumentos: pelo contrário, ele pertence à essência daquilo a que chamamos um argumento. O sistema não é tanto o ponto de partida, como o elemento de vida dos argumentos. (ÜG § 105).

Dito de outra maneira, Wittgenstein está falando que toda afirmação ou negação terá sempre de pressupor certezas inter-subjetivas, mesmo que seja para duvidar. A dúvida parte de dentro do sistema.

Finalmente, entre os parágrafos 140-144 este tipo de naturalismo é evidenciado por meio da discussão sobre os processos de socialização e educação que possuem bases não-refletidas, i.e., o aprendiz internaliza

as regras que se tornam certas para seu agir. Este aprendizado de certas é *irrefletido, automático, e espontâneo*. Cada membro de uma comunidade lingüística aprende a ter certas convicções e a atuar em função delas (cf. ÜG §§ 283, 45, 46, 95, 144, 170, 310, 315, 316, 472, 473, 476, 522, 534-538, 548; Z §§ 410, 295, 418, 416, 318, 587, 421, 355; PU §§ 208, 190, 206, 223, 189, 441; BGM II § 80, III § 35, V § 22; WLC p. 102, BB p. 23-24.)

Segundo Wittgenstein, a comunidade desempenha um papel central, pois funciona como regulador, i.e., serve de parâmetro daquilo que é considerado como erro ou acerto, significativo ou absurdo. Nosso comportamento é moldado nestes termos desde a infância e, ao sermos capazes de agir, nós estamos *espelhando* o comportamento coletivo que obedece ao quadro de proposições fundacionais, em última instância, as regras do agir significativo.

Portanto, o agir é *pré-determinado* pelo sistema de referências que consiste no conjunto de proposições fulcrais e empíricas interligadas como num ninho onde “as conclusões e as premissas se apoiam mutuamente” (cf. ÜG § 142).

Em resumo, todo juízo ou dúvida pressupõe certas assentadas, e a dúvida requer condições especiais que a permitam, porém, até um certo ponto, onde o acordo coletivo está definido, no ponto de parada, pois em algum lugar nossas dúvidas e justificativas têm de acabar.

O limite é nosso comportamento expresso linguisticamente na forma de proposições fulcrais, e este é o ponto de parada, a rocha cristalina que bloqueia o acesso, onde a pá entorta, e por isso não é possível continuar. O que resta ao agente é dizer apenas “é isso que faço” ou “é assim que nós agimos”, não restando outra alternativa senão apontar de volta para o sistema de referências, para *aquelas* proposições fulcrais.

## Referências Bibliográficas

ASHDOWN, L “Reading On Certainty”. *Philosophical Investigations*. 24, October, 2001.

BAKER, G.P. & HACKER, P. M. S. *Scepticism, Rules and Language*. Oxford: Blackwell, 1984.

BLOCK, I. (Ed) *Perspectives on the Philosophy of Wittgenstein*. Oxford: Blackwell, 1981.

- DE SOUSA, C. E. B. "Fundacionalismo, Evolução e Relativismo no *Über Gewissheit* de Wittgenstein". *Abstracta, Linguagem, Mente e Ação*. v. 1, n. 1, 2004.
- FALVEY, K. "A Natural History of Belief". *Pacific Philosophical Quarterly* 80, 1999.
- FOGELIN, R. F. *Wittgenstein*. London: Routledge, 1987.
- GARAVASO, P. "The Distinction Between the Logical and the Empirical in *On Certainty*". *Philosophical Investigations* 21, July, 1998.
- GLOCK, H. J. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zaha Editores, 1997.
- HACKER, P. M. S. *Insight and Illusion*. Rev. Oxford, OUP, 1986.
- HOOKEYWAY, C. *Naturalism and Normativity: Some Issues Concerning Naturalized Epistemology*. Disponível em: <http://www.cspeirce.com/menu/library/aboutcsp/hookway/natur&norm.htm>. Acesso em: 25 jul 2012.
- JACKMAN, H. "Foundationalism, Coherentism and Rule-Following Skepticism". *International Journal of Philosophical Studies*. v. 11, Issue 1, 2003.
- KNOTT, H. "Before Language and After". *Philosophical Investigations*. 21, January, 1998.
- MCCULLAGH, M. "Wittgenstein on Rules and Practices". *Journal of Philosophical Research*, v. 27, 2002.
- MALCOLM, N. 'Certainty', in *Nothing is Hidden: Wittgenstein's Criticism of his early Thought* (Oxford: Blackwell), 201–35, 1986.
- \_\_\_\_\_. "Wittgenstein: The Relation of Language to Instinctive Behaviour." *Philosophical Investigations*. v. 5, January, 1982.
- MOORE, G. E. 'A Defence of Common Sense' in Moore, G.E. *Philosophical Papers*. London: George Unwin, p. 32–59. 1925:1959.
- MOYAL-SHARROCK, D. "Logic in Action: Wittgenstein's Logical Pragmatism and the Importance of Scepticism." *Philosophical Investigations* 26, April, 2003.
- MOYAL-SHARROCK, D. & BRENNER, W. (Eds.). *Readings of Wittgenstein's On Certainty*. Palgrave Macmillan, 2005.
- PEARS, D. "Wittgenstein's Naturalism". *The Monist* 78, 1995.
- RHEES, R. "Language as Emerging From Instinctive Behaviour." *Philosophical Investigations*, vol. 20, January, 1997.
- SCWYZER, H. "Rules and Practices." *The Philosophical Review*, v. 78, 4, 1969.
- STROLL, A. *Moore and Wittgenstein on Certainty*. Oxford: OUP, 1994.
- \_\_\_\_\_. "Why On Certainty Matters", In: MOYAL-SHARROCK, D. & BRENNER, W. 2005.
- STOUTLAND, F. "Wittgenstein: On certainty and Truth." *Philosophical Investigations*, 21, July, 1998.
- SVENSSON, G. *On Doubting the Reality of Reality*, Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 1981.

TRIGG, R. *Reason and Commitment*. Cambridge: CUP, 1982.

WITTGENSTEIN, L. *Lectures and Conversations on Aesthetics, Psychology and Religious Belief*. Ed. Barret, C. Basil Blackwell, Oxford, 1966.

\_\_\_\_\_. *The Blue and Brown Books*. Oxford: Blackwell, 1958.

\_\_\_\_\_. *Wittgenstein's Lectures. Cambridge 1932-1935*, Ambrose, A. (Ed.). Oxford: Blackwell, 1979.

\_\_\_\_\_. *Werkausgabe in 8 Bänden*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1984.

Band 1: *Tractatus Logico-Philosophicus, Tagebücher 1914–1916, Philosophische Untersuchungen*.

Band 6: *Bemerkungen über die Grundlagen der Mathematik*.

Band 8: *Bemerkungen über die Farben, Über Geweißtheit, Zettel, Vermischte Bemerkungen*.

\_\_\_\_\_. *Wittgenstein's Nachlaß*. The Bergen Electronic Edition. Oxford: OUP, 2000.

WRIGHT, C. *Wittgensteinian Certainties*. Disponível em: <http://www.st-andrews.ac.uk/arche/papers/Wittgensteinian%20Certainties.pdf>, 2001. Acesso em: 25 jul 2012.